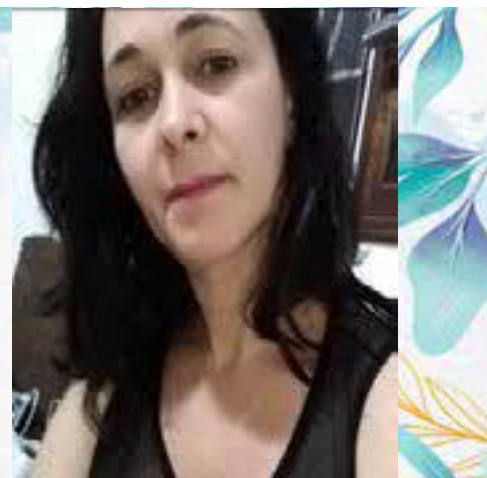


# OS ANOS INICIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM

## MARIA VALMIRA LERES DOS SANTOS

Graduação em Pedagogia, pela Faculdade Campos Salles (2012); Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia, pela Faculdade Campos Salles (2017); Pós-Graduação em Alfabetização (2020). Professora de Educação Infantil no CEI Homero Domingues da Silva.



## RESUMO

Os anos iniciais da vida são um período crítico para o desenvolvimento da linguagem. Durante esses primeiros anos, as crianças estão constantemente expostas a uma grande variedade de estímulos linguísticos, incluindo conversas com pais, irmãos, amigos e outros adultos, bem como televisão, livros e outros meios de comunicação. Durante esse período, as crianças começam a aprender a linguagem de maneira natural e intuitiva, sem a necessidade de instrução formal. Elas aprendem a reconhecer sons, palavras e frases, e a associá-los com significados específicos. Além disso, elas aprendem as regras gramaticais da língua, como a ordem correta das palavras em uma frase e a concordância entre sujeito e verbo. À medida que as crianças crescem e se desenvolvem, o processo de aquisição da linguagem se torna mais complexo e sofisticado. Elas começam a desenvolver uma compreensão mais profunda da língua, incluindo seu vocabulário e gramática mais avançados. Elas também começam a usar a linguagem para expressar seus próprios pensamentos, sentimentos e ideias, e para se comunicar com os outros de maneira mais eficaz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Compreensão; Gramática; Vocabulário.

## INTRODUÇÃO

Já nos primeiros meses de vida, as crianças começam a fazer experiências com a linguagem. Bebês pequenos fazem sons que imitam os tons e ritmos da conversa de adultos; eles "leem" gestos e expressões faciais e começam a associar sequências de sons frequentemente ouvidos - palavras - com seus referentes. Eles adoram ouvir jingles e rimas familiares, participam de jogos como esconde-esconde e manipulam objetos como livros de tabuleiro e blocos do alfabeto em suas brincadeiras. A partir desses inícios notáveis, as crianças aprendem a usar uma variedade de sím-

De acordo com Feil (2004, p. 44):

É importante que os textos das crianças possam servir de subsídio para novas descobertas, novas situações de aprendizagens e novas construções. Saber ler, nesta visão, é ir além da interpretação literal, sabendo relacionar o lido com experiências vividas, ouvidas, presenciadas e/ou ainda, com outras leituras. Saber ler é saber recriar o lido em outras atividades, sejam de escrita (é registro, é memória), de jogo lúdico e cênico, de artes plásticas, de fixação de letras, sílabas, ortografia, etc.

Embora possa parecer que algumas crianças adquirem esses entendimentos magicamente ou por conta própria, estudos sugerem que elas são beneficiárias de orientação e instrução de adultos consideráveis, embora lúdicas e informais.

Se considerarmos que ler e produzir textos significa produzir sentido e que isso só é possível no confronto com o outro, com o diferente, com as múltiplas vozes que nos constituem e que nos transformam em estranhos para nós mesmos; que ler e produzir textos significa também nos inserir numa dada formação discursiva, conhecendo a regra de seu jogo então, compreenderemos por que a escola não está formando leitores nem produtores de texto, mas apenas artífices da reprodução e da passividade, silenciando a uns e a outros, naturalizando as construções que servem apenas a interesses escusos (CORACINI, 2002, p. 264).

Uma diversidade considerável nas experiências de linguagem oral e escrita das crianças ocorre nestes anos. Em casa e em situações de cuidado infantil, as crianças encontram muitos recursos, tipos e graus de apoio diferentes para a leitura e escrita precoce. Algumas crianças podem ter acesso imediato a uma variedade de materiais de escrita e leitura, enquanto outras não; algumas crianças observarão seus pais escrevendo e lendo com frequência, outras apenas ocasionalmente; algumas crianças recebem instrução direta, enquanto outras recebem uma assistência muito mais casual e informal.

## A LEITURA DOS LIVROS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Os livros são um pilar fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças desde a tenra idade. A leitura desde a infância não só proporciona deleite e prazer, como também proporciona um magnífico patrimônio cultural, científico e literário. É um transporte muito eficiente, que nos aproxima de mundos novos e interessantes.

Segundo Terzi (1995, p.43):

A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre as histórias em si, sobre tópicos de histórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita (...).

A leitura é um maravilhoso processo interativo no qual se estabelece uma importante relação entre o texto e o leitor que contribui para o desenvolvimento das áreas cognitivas do cérebro e para o desenvolvimento emocional. A importância de adquirir esse hábito desde então se baseia em seus benefícios para estudar, adquirir conhecimento e na possibilidade de crescer, vivenciar sensações e sentimentos enquanto se diverte, cresce e aprende, ri e sonha.

A leitura é uma prática que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida da criança. Formar leitores assíduos é um trabalho longo, que precisa de técnica, paciência e sabedoria, pois culturalmente e historicamente, ler é algo que nem todas as pessoas fazem com frequ-

ência, ou fazem por necessidade, tornando a leitura um ato fora das atividades do cotidiano (SANTOS et al., 2016, p. 2).

O problema é que a digitalização influencia negativamente a leitura em muitas ocasiões, não apenas para as crianças. Muitas vezes é comum ver crianças se entretendo com tablets ou smartphones de muito tempo atrás, antes mesmo de aprender a ler ou escrever. Independentemente de esse hábito ser adequado ou não, é importante aproveitar essa fase em que eles estão ansiosos por receber informações para despertar sua curiosidade inata com a leitura de um livro. Por exemplo, lendo para eles.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, 1998, p. 143).

Em todas as idades, a leitura é um veículo de comunicação que implica uma série de vantagens no desenvolvimento da educação, mesmo antes de aprender a falar, a leitura pode ser apresentada por meio de desenhos e ilustrações.

A leitura ajuda a expandir o tempo de atenção das crianças e melhora sua capacidade de pensar com clareza, pois as histórias e sua estrutura de "começo, meio e fim" ajudam seus cérebros a pensar em ordem e relacionar causas, efeitos e significados.

É evidente que a leitura permite que a imaginação voe, transportando ou pequenos para novos mundos, aumentando evolutivamente a capacidade criativa, tornando-se, ao mesmo tempo, mais consciente das suas próprias emoções e melhorando a empatia pelos outros.

Quando as crianças leem, aumentam a sua aprendizagem e surge um potencial bastante grande no futuro do seu desenvolvimento, fazendo com que a sua autonomia e envolvimento no seu próprio processo de aprendizagem não sejam estimulados.

A leitura estimula o seu interesse por diversas áreas, como a natureza, a história ou a arte, ajudando-o desde cedo a descobrir a sua vocação.

[...] a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade (SOUZA & BERNARDINO, 2011, p. 236).

A atividade isolada mais importante para construir esses entendimentos e habilidades essenciais para o sucesso da leitura parece ser ler em voz alta para as crianças. A leitura de livros de alta qualidade ocorre quando as crianças se sentem emocionalmente seguras e são participantes ativos na leitura. Fazer perguntas preditivas e analíticas em ambientes de pequenos grupos parece afetar o vocabulário das crianças e a compreensão das histórias. As crianças podem falar sobre as imagens, recontar a história, discutir suas ações favoritas e solicitar várias releituras. É a conversa que cerca

a leitura do livro de histórias que lhe dá poder, ajudando as crianças a fazer a ponte entre o que está na história e suas próprias vidas.

Um objetivo central durante esses anos pré-escolares é aumentar a exposição e os conceitos das crianças sobre a impressão. Alguns professores usam livros grandes para ajudar as crianças a distinguir muitos recursos impressos, incluindo o fato de que a impressão (em vez de imagens) carrega o significado da história, que as sequências de letras entre os espaços são palavras e na impressão correspondem a uma versão oral, e que a leitura avança da esquerda para a direita e de cima para baixo. No decorrer da leitura de histórias, os professores podem demonstrar essas características apontando para palavras individuais, direcionando a atenção das crianças para onde começar a ler e ajudando-as a reconhecer as letras e os sons.

## **A IMPORTÂNCIA DE LITERATURA PARA A ALFABETIZAÇÃO**

Durante a fase de alfabetização emergente, as crianças estão ocupadas desenvolvendo sua linguagem oral, sua compreensão de como e por que usar a escrita e sua consciência fonêmica e sintática inicial.

Para desenvolver a consciência fonológica em todas as crianças, os professores devem conhecer um pouco acerca da estrutura da língua, especialmente a fonologia. A fonologia é o estudo das regras que comandam a produção de sons da fala. A fonética, por sua vez, é o estudo da forma como os sons da fala são articulados e a fônica é o sistema pelo qual os símbolos representam sons em um sistema de escrita alfabético. (ADAMS, et al, 2005, p.21).

Um componente importante para o início da instrução de leitura é ensinar letras e sons com eficácia. Relacionados ao conhecimento de letras e sons estão a consciência fonológica (a capacidade de ouvir e manipular sons na linguagem oral (e a consciência fonêmica (a capacidade de ouvir e manipular fonemas, as menores unidades de som na linguagem oral). Pode ser tentador ensinar essas habilidades isoladamente, uma vez que podem ser facilmente analisadas, mas são muito difíceis de aplicar e generalizar quando são ensinadas isoladamente.

A leitura é uma experiência pessoal ao qual não depende somente da decodificação de símbolos gráficos, mas de todo o contexto ligado a história de vida de cada indivíduo para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto, e desta forma construir o sentido. (POSSEBOM, 2008, p.03).

O conhecimento do alfabeto é o conhecimento dos nomes das letras, sons e formas individuais. O princípio alfabético é a ideia de que letras e grupos de letras representam os sons da linguagem falada. Os leitores aplicam o princípio alfabético por meio da fonética quando usam seu conhecimento das relações entre sons e letras para ler palavras familiares e não familiares.

O objetivo da instrução no princípio alfabético é ensinar os alunos a aplicar seu conhecimento de letras e sons de letras, em vez de visar a identificação, correspondência e domínio por meio de instrução direta e tentativas repetidas. Não há evidências que apoiem que a instrução isolada do conhecimento do alfabeto tenha qualquer impacto em resultados importantes relacionados à leitura.

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse

O ato de ler e de escrever não é apenas decodificar o código linguístico, é preciso, porém ser capaz de interpretar diferentes gêneros textuais. O meio em que vive é de suma importância para o desenvolvimento do aprendizado, uma vez que o indivíduo está inserido num mundo letrado, no qual existem diversos códigos linguísticos. Segundo Kleiman (1995, p. 19): “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Quando se ensina a ler e a escrever com base no que faz parte do dia a dia da criança, ela aprende de forma contextualizada e não letra por letra. Ela aprende de um contexto que ela já conhece, assim associa e entende. Magda Soares cita em um dos seus artigos que “o domínio de competências de leitura e escrita vão além de medir apenas a capacidade de saber ler e escrever”.

É importante ressaltar que o conceito de letramento e alfabetização pode variar de acordo com o momento histórico, desenvolvimento social e cultural em que o indivíduo vive, uma vez que o desenvolvimento do país possui grande influência sobre o processo de educação.

Convém salientar que os problemas enfrentados no processo de alfabetização no Brasil vêm nos acompanhando em longa data:

No Brasil, como em vários países da América Latina, as antigas elites – formadas por oligarcas com influências liberais – acostumaram-se a ver na educação “a alavanca do progresso”. Assim, tomaram o tema do analfabetismo e despejaram rios de retórica. Diziam que o país jamais poderia encontrar seu caminho e a democracia jamais poderia ter uma realidade enquanto tivermos uma tão alta proporção de analfabetos. A “ignorância” e o “atraso” eram duas faces da mesma moeda. Palavras, muitas palavras – e - mas nenhuma ação (FREIRE, 1967, p.73).

Atualmente nos encontramos em desenvolvimento procurando sanar os problemas que surgem e fazer com que o processo de alfabetização seja concluído com êxito, que além de codificar e decodificar códigos o indivíduo possa estar preparado para o mundo, ou seja, que ele esteja apto para viver em sociedade.

Hoje ainda vivenciamos o desafio de fazer com que todos tenham acesso e façam uso da leitura e da escrita, apesar de possuírem maior disponibilidade para a utilização de diversos meios como bibliotecas, livrarias, jornais, revistas e a internet, o que possibilita tornar os indivíduos letrados e conscientes, fazendo uso dessas ferramentas, participando ativamente da sociedade. Em seu artigo Kleiman afirma que:

O aluno que elabora um bilhete recomendando um livro e justificando sua recomendação faz uma ‘leitura inspeccional quando seleciona, na biblioteca, um livro para leitura, ou quando procura, no caderno infantil do jornal, a página que traz resenhas de livros; ele faz também uma ‘leitura tópica’, de detalhes, quando volta ao livro lido para copiar uma informação específica que deseja incluir na sua recomendação ou resenha; faz, ainda, uma ‘leitura de revisão’ quando lê seu próprio texto antes de torná-lo público (1995, p. 24).

As expectativas positivas dos professores interferem na aprendizagem dos alunos. Essas expectativas se manifestam nas diversas situações de interações sociais e educacionais. Embora possa haver diferenças no desenvolvimento dos indivíduos, é importante ter consciência de que eles podem se beneficiar de diferentes experiências no contexto social e educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve propiciar aos alunos ambientes que facilitem o processo de letramento e alfabetização, haja vista que esta é responsável pela preparação dos indivíduos para as práticas sociais o que possibilita um espaço rico de aprendizagem para todos os alunos.

As crianças adquirem um conhecimento prático do sistema alfabético não apenas por meio da leitura, mas também da escrita. À medida que as crianças se envolvem na escrita, elas aprendem a segmentar as palavras que desejam soletrar em sons constituintes.

As salas de aula que oferecem às crianças oportunidades regulares de se expressarem no papel, sem se sentirem muito constrangidas para a grafia correta e a caligrafia adequada, também ajudam as crianças a compreender que a escrita tem um propósito real. Os professores podem organizar situações que demonstrem o processo de escrita e envolvam ativamente as crianças nele. Alguns professores atuam como escribas e ajudam as crianças a escrever suas ideias, tendo em mente o equilíbrio entre as crianças fazerem isso sozinhas e pedirem ajuda. No início, esses produtos provavelmente enfatizam imagens com poucas tentativas de escrever letras ou palavras. Com incentivo, as crianças começam a rotular suas fotos, contar histórias e tentar escrever histórias sobre as imagens que desenharam.

Assim, a imagem que emerge da pesquisa nesses primeiros anos de leitura e escrita infantil é aquela que enfatiza a ampla exposição à imprensa e ao desenvolvimento de conceitos sobre ela e suas formas e funções. Salas de aula repletas de livros impressos, jogos de linguagem e alfabetização, leitura de contos de fadas e escrita permitem que as crianças experimentem a alegria e o poder associados à leitura e escrita, enquanto dominam os conceitos básicos sobre impressão que a pesquisa mostrou serem fortes indicadores de desempenho.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, M. J. et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BARBOSA, José Juvênio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

BNCC, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília, 2018.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria et al. **Leitura: decodificação, processo discursivo...?**. In: CORACINI, Maria J.R. (Org.). **O jogo Discursivo na Aula de Leitura**. Língua Materna e Língua Estrangeira. São Paulo: Pontes, 2002.

FEIL, Iselda T. Sausen. **Alfabetização: um diálogo de experiências**. 2.ed. rev. Unijui, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro Exemplar nº 1405: editora Paz e Terra LTDA, 1957, p. 123.

KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento E Suas Implicações Para O Ensino De Língua Materna**. Disponível em <http://online.unisc.br>. Acesso 03 jun.2023.

SANTOS, E. G. **Nas asas da imaginação**. Projeto Materna Ensino Infantil, São Bernardo do Campo, 2018.

SOUZA, L. O. & BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental**. In.: Revista Educere et Educare. UNIOESTE, v. 6, n. 2, Cascavel, 2011.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 1995.